

Jalecos Brancos e o "Dragão Covidiano": as alianças em torno do tratamento precoce

White Medical Coat and the "Covidian Dragon": early treatment alliances

Fernanda Rios Petrarca¹
fernandarpetrarca@gmail.com

Wilson José Ferreira de Oliveira²
etnografia.politica@gmail.com

Resumo

A pandemia da COVID-19 desafiou diversas nações do mundo a desenvolver mecanismos regulatórios para contenção ampla da contaminação. Em algumas destas situações, os governantes apostaram em estratégias polêmicas, sem evidência científica, com vistas a manter ou ampliar sua popularidade em meio à crise sanitária. Esse é o caso do Brasil, onde o presidente investiu num kit de medicamentos – sem eficácia comprovada – numa associação com grupos de médicos e militares que estão na base do seu governo. Nesse artigo analisamos quais foram as condições e as bases sociais de possibilidade dessa aliança entre médicos e o governo Bolsonaro em torno do que foi denominado como "tratamento precoce". A análise permitiu demonstrar que esta aliança dependeu, de um lado, de um conjunto de transformações nas relações de força no sistema político e dos vínculos e relacionamentos da classe médica com a direita e a extrema direita. E, de outro, de certas características do próprio grupo profissional no que diz respeito ao recrutamento, modalidades de associação e suas alianças com o bolsonarismo. A bandeira do tratamento precoce se apresentou para este grupo como um recurso essencial para alavancar a popularidade do presidente e deles próprios, permitindo sua entrada na política e ampliando a politização da profissão.

Palavras-chave: Medicina e Política; Médicos pela vida; Tratamento Precoce

Abstract

The COVID-19 pandemic has challenged several nations around the world to develop regulatory mechanisms to contain the spread of contamination. In some of these situations, the governments bet on controversial strategies, without scientific evidence, with a view to maintaining or increasing their popularity in the midst of the health crisis. This is the case in Brazil, where the country's president invested in a drug kit - with no proven efficacy - in an association with groups of doctors and military personnel who are at the base of his government. In this article we analyze the conditions and the social bases for the possibility of this alliance between doctors and the Bolsonaro government around what was called "early treatment". The analysis demonstrated that this alliance depended, on the one hand, on a set of transformations in the power relations in the political system and on the ties and relationships of the medical class with the right-wing and the far right. On the other hand, certain characteristics of the professional group itself with regard to recruitment, modalities of association and their alliances with bolsonarism. The flag of "early treatment" was presented to this group as an essential resource to boost the popularity of the president and themselves, allowing his insertion in the politics and increasing the politicization of the profession.

Key words: Medicine and politics; Doctors for life; Early treatment;

¹ Doutora em Sociologia, professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe e coordenadora do Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP-UFS).

² Doutor em Antropologia, professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe e coordenador adjunto do Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP-UFS).

Introdução

A pandemia da COVID-19 desafiou diversas nações do mundo a desenvolver mecanismos regulatórios com o intuito de conter a propagação da contaminação. No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro apoiou amplamente o uso de um conjunto de medicamentos sem evidência científica, que ficou conhecido como *Kit Covid*, e que envolveu o uso de drogas combinadas, como a hidroxicloroquina, alguns antibióticos, ivermectina e um complexo de vitaminas. Para isso contou com o suporte de um conjunto de médicos, de diversas especialidades, que se organizaram num movimento chamado "Médicos pela Vida Covid-19", como também com o apoio dos militares que estão na base do seu governo e que se tornaram produtores da hidroxicloroquina no país³. Entretanto, a defesa de drogas ineficazes por governantes e líderes políticos durante a crise sanitária não é uma particularidade brasileira, podendo ser observado em diferentes contextos nacionais e sua expansão está associada, pelo menos, a dois elementos centrais.

De um lado, ao avanço - observado nas últimas décadas - da contestação do modelo tecnocrático de tomada de decisões políticas, fundamentado em quadros técnicos, agências reguladoras e especialistas em determinadas áreas do saber. Tal questionamento passou a colocar em xeque o predomínio dos especialistas, formando uma espécie de "elite de experts" em detrimento de outras formas de conhecimento, o que produziria exclusão nos processos de tomadas de decisão, limitando assim as vias de participação política. A abertura para novas definições da expertise e o alargamento da sua definição constitui um dos elementos desta contestação a fim de incluir os chamados "experts não certificados"⁴ (Mitre, 2016). Uma das consequências é a desconfiança em relação aos experts e ao chamado "sistema perito" cujo efeito é o comprometimento de decisões e a tendência a produzir uma maior centralização do poder. Associada a esta crescente flexibilização da expertise, a crise do coronavírus colocou em evidência o preço político e econômico de decisões "baseadas na ciência". Com isso, ganharam força os argumentos centrados no apelo ao povo, contrapondo-o a "uma elite de especialistas", e sustentados na contraposição entre a experiência e a técnica.

De outro lado, a medidas populistas acionadas por um conjunto de líderes com vistas a aumentar ou manter sua popu-

laridade. Como tem apontado a bibliografia nacional (Casarões e Magalhães, 2021) e internacional (Lasco, 2020; Lasco e Larsons, 2020; Lasco e Curato, 2019), a Hidroxicloroquina tornou-se uma ferramenta particular de expansão da popularidade em um contexto de questionamento e forte crítica das atitudes dos governos para conter a disseminação do vírus. Destacaram-se nessa direção os governantes de direita e extrema direita com forte caráter populista como: Donald Trump nos Estados Unidos, Narendra Modi na Índia, Benjamin Netanyahu em Israel, Rodrigo Duterte nas Filipinas e Jair Bolsonaro no Brasil. Uma das características centrais para identificar as estratégias destes líderes é a mobilização do chamado "populismo médico", o qual consiste em um estilo político que emerge em contextos de crises de saúde pública e que se destaca pela espetacularização, adoção de soluções simples de tratamento e a promoção de divisões entre a população e as instituições consagradas de produção do saber (Lasco, 2020). Jogar o "povo" contra o "sistema" tem sido o elo central deste estilo que se opõe ao modelo tecnocrático calcado na expertise, numa comunidade de especialistas reconhecidos e no establishment científico. Para isso, lançam mão de uma comunidade alternativa de consultores, incluindo médicos, divulgadores midiáticos e profissionais situados fora do *mainstream* técnico-científico.

Apesar dos esforços em compreender as estratégias dos governantes e líderes populistas de extrema direita na condução da pandemia, ainda são poucos os trabalhos que analisam a formação de um corpo alternativo de técnicos que dão suporte a tais estratégias. Neste sentido, trata-se de investigar a construção de uma rede alternativa de médicos que se opõe aos tecnocratas, cientistas e experts e as bases que sustentam sua legitimidade. Essa rede não só organizou eventos⁵ para divulgar o tratamento e orientar profissionais como investiu em um protocolo pré-hospitalar em parceria com o governo federal, campanhas publicitárias⁶ e na distribuição do *kit* para redes de hospitais públicos e privados. Com o mote "eu apoio o tratamento precoce", o grupo se apresenta como um movimento constituído por médicos que se viram diante de um

inimigo desconhecido, mas que, a exemplo de Dom Quixote, ergueram a lança e foram para cima do Dragão Covidiano ao grito de "vamos à luta para a implementação de um Tratamento Pré-Hospitalar!"

³ Segundo o site Agência Pública, o exército fechou 1,5 milhão em contratos sem licitação para produção da cloroquina. Além disso, distribuiu 2,8 milhões de comprimidos, produzidos pelos seus laboratórios, para todos os estados brasileiros. Deste montante 2,4 foram distribuídos pelo Ministério da Saúde e 441 mil foram destinados pelas próprias forças armadas para os hospitais militares. Só em 2020 a produção do medicamento foi 25 vezes maior que o padrão anual para o tratamento da malária. Ver em: <https://apublica.org/2021/03/o-mapa-da-cloroquina-como-governo-bolsonaro-enviou-28-milhoes-de-comprimidos-para-todo-o-brasil/> (acesso em 15 de abril de 2021).

⁴ Segundo Mitre (2016) o "expert não certificado" é aquele que possui conhecimento baseado na experiência, mas que não é certificado por instituições consagradas, como as Universidades por exemplo.

⁵ Dois eventos se destacam. O primeiro, denominado Força Médica Nacional contra a Covid-19, realizado em outubro de 2020 em Porto Seguro, foi idealizado por uma das lideranças. O segundo, Jornada- Médicos pela Vida, ocorreu de março a abril de 2021 e foi organizado pelo movimento.

⁶ Em fevereiro de 2021 o movimento publicou, como informe publicitário, um manifesto pela vida nos principais jornais impressos do país: Folha de São Paulo e O Globo. Além de outdoors distribuídos pelo país.

⁷ Protocolo Brasileiro de Terapia Pré-Hospitalar COVID 19 (Canzian, 2020)

O que faz com que médicos que detêm uma credibilidade técnica e profissional invistam amplamente na defesa de medicamentos sem eficácia científica para a Covid diante de uma das maiores crises sanitárias já vista e apoiam projetos políticos anti-científicos e ultrarradical? Para explicar essa aliança, nossa argumentação está centrada em dois eixos fundamentais. Primeiro, no exame das transformações nas relações de força do sistema político e das alianças da classe médica - e suas instituições de representação - com os projetos populistas de direita e extrema direita. Segundo, na caracterização social e política deste grupo de médicos, no que diz respeito à sua composição profissional, ao processo de recrutamento, às modalidades de associação e alianças com o movimento e às principais estratégias adotadas de comunicação política. Partimos do princípio de que o exame da dinâmica política, dos condicionantes implicados nos itinerários e da inserção dos médicos em determinados espaços (políticos, associativos, redes de amizade, etc.) - nos quais diferentes tipos de recursos e experiências são obtidos - são problemáticas centrais para compreensão das condições que tornam possível a emergência deste tipo de movimento.

Para dar conta disso, o texto está dividido em três momentos principais. Num primeiro momento analisaremos as condições sociais e políticas que conduziram a uma aproximação da classe médica com determinados projetos políticos conservadores e à guinada à direita radical. Na segunda parte, nos detere-mos no exame da gênese do próprio grupo, considerando para isso sua composição profissional, seu processo de recrutamento e a absorção pelo bolsonarismo e as principais bandeiras e pautas defendidas. E por fim, analisaremos a atuação das suas principais lideranças na defesa do tratamento precoce e as estratégias digitais por elas utilizadas para difundir tal terapia sem eficácia comprovada contra a COVID. Neste aspecto, daremos atenção especial à forma como as interações ocorreram nas redes sociais, os principais atores com os quais se relacionaram e como a comunicação circulou gerando um efeito "bolha"⁸. Para dar conta das questões aqui propostas mobilizamos diferentes ferramentas metodológicas, dentre elas consideramos: a) levantamento de dados sócio-históricos sobre a atuação das entidades de representação médicas e sua relação com a política; b) material de divulgação do movimento Médicos pela Vida Covid19, tais como site oficial⁹, página do Facebook¹⁰, campanhas, vídeos e eventos. Além de material de imprensa (jornais, revistas) sobre o movimento, *lives* e entrevistas realizadas pelas principais lideranças em prol do tratamento precoce em canais

diversificados como Youtube, Instagram e Facebook; c) levantamento de informações biográficas das lideranças considerando a atuação profissional e especialidade médica; d) *lives* realizadas pelas lideranças levando em conta as tomadas de posição dos profissionais e influenciadores que propagaram a divulgação do material e realizaram a *live*. A análise do material coletado nestas fontes consistiu na caracterização profissional das lideranças e participantes deste movimento e redes, no exame das concepções de sociedade e política que fundamenta seus discursos, principalmente no tocante à relação entre medicina, sociedade e Estado e, por fim, na análise de redes para mídias sociais através do NVIVO e GEPHI.

A análise permitiu demonstrar que a bandeira do tratamento precoce ampliou a intersecção entre os médicos e a extrema direita, fortalecendo os usos da profissão para um projeto político ideológico populista radical, oferecendo às lideranças um capital de reconhecimento social, político e digital. Tal bandeira ainda reuniu médicos que poderíamos chamar de "não certificados" - em contraposição ao modelo dos experts - situados fora do establishment e do mainstream médico-científico (centros de excelência em pesquisa, redes de pesquisadores) e que acumulam recursos oriundos das redes de relações associativas, partidárias e de amizade. profissional. Soma-se a isso os esforços de reconversão destes recursos que remetem a concepções distintas de produção do saber médico forjadas na divisão entre a população e o establishment técnico-científico. O médico, sua experiência e seus pacientes contra a pesquisa e a evidência científica, numa luta constante contra o sistema. Um dos efeitos disso é o fortalecimento da posição de mediadores entre o "povo" e as "elites políticas", ampliando as condições de realização do populismo médico, como o acesso direto à população, o amplo uso das redes alternativas à grande mídia como estratégia de divulgação e o caráter mitológico e salvacionista, manifestado sobretudo pela apropriação político-messiânica da figura de Dom Quixote.

1. A Guerra dos Jalecos: politização da medicina e antipetismo

As relações estreitas entre a medicina e a política não são uma novidade nas ciências sociais. Isso pode ser observado tanto nos trabalhos que destacaram a relação do ofício com a defesa de causas sociais como o câncer, a luta contra a Aids e a lega-

⁸ A noção de "bolha social" - e mais recentemente "bolha digital" - se refere a grupos que se formam a partir do interesse ou vinculação a um determinado assunto em comum, criando uma circulação limitada entre não somente os que curtem e compartilham as mesmas páginas, mas também aqueles que são considerados influenciadores (Pariser, 2012).

⁹ No site oficial <https://medicospelavidacovid19.com.br/> foi possível obter as seguintes informações: pontos de vista e tomadas de posição sobre o tratamento; médicos que realizam o referido tratamento no país no que diz respeito às suas especialidades e principais formas de atuação da entidade. Vale destacar que no momento da coleta do material havia mais de 3.000 médicos cadastrados no site com informações a respeito das duas especialidades e estados de atuação profissional. Esse material, contudo, foi retirado da plataforma posteriormente.

¹⁰ Facebook: medicospelavidacovid19

lização do aborto (Epstein, 1996; Garcia, 2005; Petrarca, 2015; Pinell, 1987) quanto nos que salientaram o peso do investimento no Estado como estratégia para ampliação dos serviços e espaços de atuação profissional (Coradini, 1996; Neto, 2001; Luz, 2013; Petrarca, 2017, 2019, 2020). Acrescente-se a isso que, especialmente no Brasil, as entidades representativas da profissão- como o Conselho Federal de Medicina e a Associação Médica Brasileira- tiveram, em diferentes momentos, um papel central na construção e reformas de políticas de saúde, constituindo-se como instâncias centrais de articulação com a política e demonstrando forte capacidade de organização, engajamento e pressão política (Campos, 1988; Luz, 2013; Gomes e Merhy, 2017).

Nessa direção, a análise das relações entre medicina e política deve ser inscrita em uma abordagem sócio-histórica, uma vez que as instituições não se tornam espaços privilegiados de atuação política de forma automática. Mas, ao contrário, isso depende de um trabalho social de representação que envolve a atuação constante de atores, estrategicamente posicionados, que para defender o ofício intensificam e comprometem seus laços com a política. A atuação das entidades de representação revela, portanto, o jogo duplo dos médicos: em nome da medicina e do projeto profissional, eles se associam a grupos políticos partidários mobilizando e estreitando laços com a política. Isso pode ser observado na agenda política das entidades médicas, a qual envolveu nas últimas décadas um significativo investimento na relação com as comissões- da câmara e do senado- para aprovação de medidas de controle do mercado médico. A relação com as frentes parlamentares e as bancadas temáticas mostrou-se como estratégia fundamental de imposição de uma agenda corporativa no espaço político, constituindo-se como espaço de construção de alianças entre as corporações e a política. Dentro elas está a bancada médica, considerada pequena com 38 deputados; a bancada da saúde e mais recentemente a criação da Frente Parlamentar da Medicina (FPMed), lançada mais recentemente pelo então deputado Henrique Mandetta e que hoje conta com 238 deputados e 12 senadores.

A relação entre a categoria e as bancadas parlamentares constitui, nessas condições, níveis de associação com a política partidária, formas de intersecção e de politização. As bancadas associadas aos interesses das categorias empresariais, setoriais e corporações profissionais tendem a agregar parlamentares situados no polo mais à direita do espectro político (Coradini, 2010). Tal atuação resultou tanto na aproximação da profissão com os partidos de direita quanto dos próprios líderes institucionais que- na condição de representantes- acumularam crédito suscetível de ser colocado no mercado político. A atuação nestas instâncias permite formar um capital de relações capaz de ser reconvertido em capital político, manifestado na filiação a partidos políticos, ocupação de cargos de natureza política e até mesmo trunfos eleitorais.

Nos últimos anos, as associações médicas dedicaram seus esforços e sua pressão no legislativo para a aprovação do projeto de lei (2002) que institui o Ato Médico. O projeto permaneceu 12 anos em tramitação e foi aprovado pelo Congresso Nacional em 2013 durante o governo da presidente Dilma Rousseff. Mas apesar da vitória da categoria, os vetos presidenciais, sobretudo em artigos que tratavam da exclusividade do médico na formulação de diagnósticos de doenças, colocaram a medicina em rota de colisão com as políticas de saúde do governo petista.

Outros três projetos do governo Dilma também entraram em confronto com o projeto das entidades médicas de controle do mercado e de monopolização dos serviços de saúde. Um deles, denominado Programa de Valorização da Atenção Básica, instaurado pelo Ministério da Saúde em 2011, voltava-se para jovens recém formados e visava a ampliação das vagas de residência médica e bolsas para estudantes de graduação interessados em integrar os projetos da rede de saúde pública, além de estimular a criação de novas faculdades de medicina e abertura de vagas em cursos já existentes em instituições privadas. O segundo foi a implementação da Lei de Cotas¹¹, em 2012, que estabelecia reserva de no mínimo 50% das instituições federais de ensino superior para estudantes de escola pública preenchidas por candidatos autodeclarados pardos, pretos e indígenas. A medida atingiu em cheio os cursos tradicionais como medicina e direito que reagiram intensamente à exigência. E, a terceira, que conduziu ao acirramento das relações com o governo petista, o Programa "Mais Médicos", lançado em 2013. O programa, que dentre outras coisas propunha a contratação de médicos estrangeiros, tinha como um dos pilares fixar médicos na saúde pública nos municípios do interior e na periferia dos grandes centros urbanos. Dentre os estrangeiros, foram especialmente os cubanos que provocaram uma maior rejeição por parte da classe médica nacional, já que, diferente dos demais estrangeiros, a relação envolvia um acordo entre o Ministério da Saúde e o governo cubano intermediado pela Organização Pan-Americana de Saúde e pela Organização Mundial de Saúde (OPAS-OMS).

Desse modo, além de se reunirem com deputados e senadores para discutir o que chamaram de "crise na saúde", devido a estas medidas, as entidades médicas participaram de marchas, atos públicos e manifestações¹². As mobilizações ocorreram em pelo menos 20 estados brasileiros (Aquino, 2013). Os confrontos, entretanto, não se limitaram às ruas, chegando também ao judiciário. Em agosto de 2013 a Associação Médica Brasileira (AMB) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) entraram com uma ação direta de constitucionalidade no Supremo Tribunal Federal (STF) para suspender o programa "Mais Médicos". As entidades, como reação, também anunciaram a saída das comissões técnicas do governo nas áreas de saúde e da educação, e fortaleceram suas alianças com políticos da oposição para sustentar ações contra o programa.

¹¹ Lei número 12.711 publicada em agosto de 2012.

¹² Dentre elas estavam: Associação Médica Brasileira (AMB), Associação Nacional dos Médicos Residentes (ANMR), Conselho Federal de Medicina (CFM), Federação Nacional dos Médicos (Fenam) e Federação Brasileira de Academias de Medicina (FBAM).

A onda de protesto que teve início em junho de 2013 funcionou como uma espécie de catalisador destas e de outras demandas, fazendo com que os descontentamentos e os recorrentes confrontos com o governo de Dilma Rousseff aproximasse a categoria de grupos políticos opositores ao PT e conduzisse à participação em mobilizações e eventos que tinham como base a forte associação do "combate à corrupção" ao "antipetismo" (Oliveira, 2020; 2021).

Os protestos de 2013 e seus impactos na ruptura do sistema de alianças que sustentava o PT (Oliveira, 2020), desdobraram-se nestas mobilizações contra o governo que uniram a classe médica contra a presidente Dilma Rousseff e o projeto político-partidário por ela representado. Em decorrência disso, nas eleições de 2014 as entidades se organizaram como frente de apoio ao candidato Aécio Neves, antigo aliado na luta contra o "Mais Médicos". A Associação Médica Brasileira (AMB) divulgou uma carta de apoio a este candidato sustentando o sucateamento da saúde provocado pelos governos petistas. Com forte teor crítico, a carta destaca o desrespeito dos gestores petistas com o exercício da medicina e pedia voto ao referido candidato (FOLHAPRESS, 2014).

Em declaração ao jornal O Globo, Florentino Cardoso, presidente da Associação Médica Brasileira (AMB) na ocasião, afirmou que: "a maior parte dos médicos vai influenciar o eleitorado de forma indireta, sem recorrer a participação partidária". E ainda salientou que o importante era manter uma posição antigoverno, destacando que havia um movimento de filiação em massa dos médicos, sobretudo ao PSDB e ao DEM (Fernandes, 2014). Um dos articuladores foi o então médico e deputado Luís Henrique Mandetta que esperava, em um evento junto com o médico Ronaldo Caiado, líder do DEM na Câmara na ocasião, aproximadamente 1.000 filiações de profissionais. Essas articulações são ainda intensificadas pela presença de médicos políticos no corpo das entidades de representação profissional. Esse é o caso do vice-presidente da AMB na ocasião, o médico Eleuses Paiva, deputado federal pelo DEM.

O ativismo antipetista da categoria foi ainda marcado pela presença nas manifestações pela saída de Dilma Rousseff e em diversas ações contra o governo. Partiu da AMB a ação que anulou a posse do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a Casa Civil e o impeachment foi celebrado por diversas entidades da classe médica: a Federação Nacional dos Médicos (Fenam) divulgou nas redes sociais: "Saída da Dilma: fim da perseguição da categoria médica e sabotagem do SUS"; o presidente da AMB afirmou: "O Brasil estava à deriva por um governo e um partido mergulhado em corrupção, levando o país para um regime autoritário, caminhando para o bolivarianismo"; o presidente do Conselho Federal de Medicina viu a saída de Dilma e a possível posse de Temer produzindo um sentimento de que "existe afirmação de governabilidade, feita de modo coerente com o Estado Democrático de Direito" (Mathias, 2016).

Tal engajamento contra o PT desdobrou-se no apoio à candidatura e eleição de Jair Bolsonaro, que já era um antigo aliado do projeto das associações médicas brasileiras. Em

2018, após eleição de Bolsonaro para a presidência, a AMB divulgou carta aberta ao presidente eleito o parabenizando pelo resultado, reafirmando os anseios da sociedade brasileira pela alternância no poder e colocando os médicos brasileiros à disposição do novo presidente para a reconstrução do país, utilizando, assim, uma série de argumentos que estiveram na base da associação entre "combate à corrupção" e "antipetismo", desde 2013 e que ganharam enormes proporções nas eleições de 2014 e 2018. A carta reafirmava, ainda, a necessidade da carreira do médico de estado e a obrigatoriedade do "Revalida", principais bandeiras da categoria. Como resultado, assim que assumiu a presidência, uma das principais decisões do governo Bolsonaro foi trabalhar para encerrar o Programa Mais Médicos. Em 2019 o programa foi finalmente substituído por outro, denominado Médicos pelo Brasil, com o objetivo de suprir médicos em áreas afastadas, mas considerando a necessidade de um plano de carreira federal, conforme sugestão do Conselho Federal de Medicina (EL PAÍS, 2019).

Como se pode ver, a aproximação da corporação médica, inicialmente, com políticos e lideranças "antipetistas", e, depois, com lideranças do governo eleito em 2018 foram sendo costuradas ao longo dos anos com o intuito de atender os interesses corporativos da categoria. Estas aproximações fortaleceram vínculos e compromissos que visavam derrubar o projeto político-partidário petista. Ao mesmo tempo em que se manteve unificada em torno de bandeiras comuns, a categoria intensificou as alianças com partidos inclinados mais ao espectro ideológico da direita. A luta contra o Mais Médicos contribui ainda mais para expandir o engajamento político das associações profissionais, em especial os conselhos regionais de medicina que se destacaram nas disputas políticas internas e externas.

Esta aproximação com os partidos de direita e com o próprio governo Bolsonaro se mostrou forte durante o primeiro ano do governo. Contudo, a pandemia da COVID-19 e a insistência do governo federal em gerenciar a crise impedindo o isolamento social e apoiando medicamentos sem eficácia comprovada, deu origem ao surgimento de certas fraturas nessa aliança, resultando em cisões e rupturas entre a própria classe médica e desta com o governo federal (Esteves, 2020). A demissão do Ministro da Saúde, Luís Henrique Mandetta, antigo articulador da categoria contra o PT, foi um primeiro passo nesta ruptura entre frações médicas e na conversão à extrema direita de parte das entidades de representação profissional. Isso porque a cisão colocou parte dos médicos, sobretudo aqueles vinculados às entidades científicas e às instâncias de representação das especialidades médicas -como a Sociedade Brasileira de Infectologia, a Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia e a Associação de Médicos Intensivistas- contra o uso de medicamentos sem comprovação científica. Em julho de 2020, a Sociedade Brasileira de Infectologia afirmou: "é urgente e necessário que a hidroxicloroquina seja abandonada no tratamento de qualquer fase da Covid-19" (Esteves, 2020).

Assim, aqueles com maior capital político, como o deputado Mandetta e o governador Caiado, e com capital científico

e técnico a preservar, romperam e afastaram-se do populismo autoritário representado por Bolsonaro¹³. As entidades de ampla representação, como o Conselho Federal de Medicina, os conselhos regionais e a Associação Médica Brasileira, por meio dos seus diretores e dos vínculos que estes vinham mantendo de longa data com o então presidente, sustentaram as medidas do governo e intensificaram as alianças com a extrema direita. Tal fratura interna pode ainda ser observada na disputa pelas diretorias das entidades de classe, sendo a mais recente a ocorrida na Associação Médica Brasileira. A vitória da chapa de oposição provocou inclusive uma mudança na posição da entidade com relação ao tratamento precoce para a Covid-19, manifestando agora forte crítica ao referido tratamento.

2. Conversão à extrema-direita: a medicina alternativa e o Kit Covid

A defesa da cloroquina como medida alternativa ao *lock-down* e ao isolamento social contou com o incentivo e o apoio do governo federal, como também com a constituição de um grupo de médicos que ofereciam um suporte técnico, legitimidade e justificativas pseudo-científicas para a ampla divulgação do coquetel de drogas. A formação deste suporte teve como base, inicialmente, a mobilização de grupos de médicos em aplicativos de troca de mensagens e de apoiadores do presidente que organizaram, em diferentes regiões do país, grupos de profissionais dispostos a adotar o tratamento e disponibilizar a medicação. Com base nisso, em maio de 2020 já era possível observar a articulação entre políticos aliados do presidente, empresários locais, operadoras de saúde e médicos na distribuição do medicamento¹⁴.

Associado a isto, foi estimulada pelo governo federal a criação de um conselho científico independente com o intuito de reunir médicos que apoiassem o uso da cloroquina e outras drogas. Tal articulação teve como base relações informais e vínculos pessoais e de amizade entre assessores e apoiadores do presidente. Ela foi realizada por Arthur Weintraub, irmão do então Ministro da Educação Abraham Weintraub, na condição de assessor da Presidência da República e representante da chamada "ala ideológica" do governo, assim definida por ser considerada a mais radical e alinhada à extrema direita. O grupo dos articulistas contou também com Carlos Wizard, Luciano Azevedo e Nise Yamaguchi. O primeiro, um empresário considerado "assessor não

oficial" do Ministério da Saúde na gestão formada após a saída do segundo Ministro da Saúde, Nelson Teich. Já Luciano Azevedo, que é anestesiologista, destaca-se nessa articulação por acumular diversos vínculos: laços de amizade com os irmãos Weintraub, aproximação com o setor mais alinhado à extrema direita do governo, como a militância no movimento Docentes pela Liberdade e na Cúpula das Américas (esta última liderada pelo filho do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro), além de ter sido médico da Marinha na Amazônia. Já a aproximação da médica oncologista Nise Yamaguchi ao grupo decorre da relação da sua irmã, Naomi Yamaguchi, com o setor mais radical. Naomi foi candidata a deputada federal pelo PSL em 2018 e compôs o grupo de transição do Ministério da Educação na gestão de Ricardo Vélez. O grupo formou uma frente ampla de médicos para que o Brasil pudesse adotar o tratamento à base de cloroquina.

Com base nesta articulação promovida pelo governo federal, ganharam corpo vários movimentos médicos pelo país que se organizaram com o objetivo de atingir tanto os profissionais quanto o público em geral em campanhas de adesão. Dentre eles, destaca-se o "Movimento Médicos pela Vida - Covid19" cujo objetivo é defender e aplicar o chamado tratamento precoce. Ele é formado por mais de 3.520 médicos distribuídos em todo o país nas mais variadas especialidades. No entanto, vale salientar que, do total, 35,5% não apresentam nenhuma especialidade. Essa "falta de especialidade" está relacionada ao fato destes médicos não registrarem seus títulos junto aos órgãos de controle, como o Conselho Federal de Medicina, atuando, portanto, sem residência e na condição de generalistas¹⁵. Os demais se subdividem nas mais diferentes áreas médicas tais como: Pediatria (7%); Ginecologia (6,8%); Oftalmologia (4,9%); Clínica Geral (3,6%) e Cirurgia Geral (3,4%). Por fim, os infectologistas representam apenas 0,31% das especialidades declaradas e não identificamos nenhum epidemiologista neste grupo.

No que pese essa baixa especialização em áreas de pesquisa e investigação próprias para o tratamento de pandemias, o grupo alcançou uma significativa expansão nos estados de Pernambuco e São Paulo, seguidos de Minas Gerais, Bahia e Ceará. Todavia, tal expansão está relacionada mais a fatores políticos do que técnico-profissionais, na medida em que foram justamente nestes estados que o movimento emergiu e ganhou força e que concentraram, inicialmente, o maior número de suas lide- ranças e representantes.

Esse forte teor ideológico e político na emergência e difusão do movimento manifesta-se de maneira clara nas princi-

¹³ Partimos da definição adotada por Norris & Inglehart (2019) segundo a qual a combinação do populismo (estilo discursivo que coloca o "povo" contra o "sistema") com o autoritarismo (obediência aos líderes, imposição de normas e valores) produz uma combinação que corrói as regras do jogo, testa os limites do sistema e destrói os princípios da democracia liberal.

¹⁴ Dois grupos são frequentemente citados: *corrente de médicos do bem*, que emergiu a partir de apoiadores no whatsapp e *Caravana doutores da verdade*, organizados pela deputada federal (PSC) Clarissa Tércio, em Pernambuco.

¹⁵ Segundo o Conselho Federal de Medicina, um médico pode atuar sem especialidade registrada na condição de generalista. Para anunciar sua especialidade, ele precisa comprovar seus títulos. Em 2013, o CFM publicou uma pesquisa informando que 46% dos médicos brasileiros não possuem especialidade. O que para a entidade é preocupante porque expõem a população a um atendimento menos qualificado (Elias, 2013).

Divisão por Especialidade

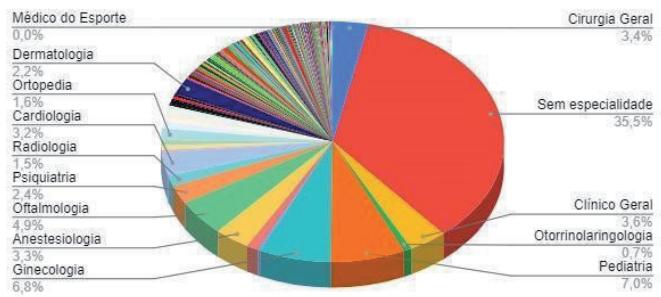


Figura 1: Especialidades Médicas

Fonte: banco de dados produzido pelos autores

Divisão por Estado

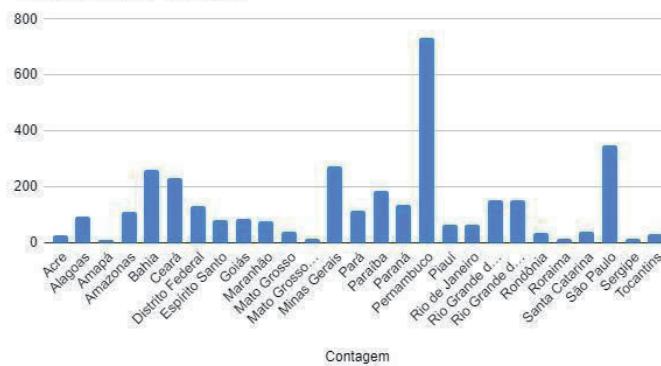


Figura 2: Médicos por Estados do País

Fonte: banco de dados produzido pelos autores

país ações desenvolvidas. Dentre estas, destaca-se a entrega ao presidente Jair Bolsonaro, no dia 22 de maio, de um manifesto defendendo o tratamento precoce a partir do uso de um conjunto de drogas, dentre elas a cloroquina e a hidroxicloroquina, alguns antibióticos combinados e o vermífugo Ivermectina. Na mesma semana, divulgou o protocolo de tratamento pré-hospitalar contra o Covid 19. Após tentativas fracassadas de mudar a bula de tais medicamentos para incluir o tratamento precoce contra COVID19, conseguiram, com o apoio do próprio Conselho Federal de Medicina, a aprovação, na gestão Teich, do chamado uso *off label*¹⁶ de medicamentos e a definição de um termo de consentimento do paciente para uso da droga em tratamento do COVID. Apesar de ser considerado um importante passo na prescrição médica, o documento não foi suficiente para o mo-

vimento que visava a ampla distribuição da droga. Em agosto, o grupo solicitou ao presidente a distribuição das drogas do *kit* nas farmácias populares. Fato este que culminou numa solenidade promovida pelo Palácio do Planalto, denominado "Brasil Vencendo a Covid".

Essa forte associação e alianças entre medicina e política constitui um traço constante também dos principais padrões de recrutamento destes médicos que defendem o tratamento precoce. Com base no exame das trajetórias e alianças profissionais de 57 destes médicos que participaram no Comitê independente, acima citado, na diretoria do "Médicos pela Vida Covid", em jornadas e eventos na condição de palestrante, direcionados à defesa do tratamento e no evento Vencendo a Covid no Palácio do Planalto, pode-se distinguir 3 padrões principais de ingresso e de combinação de diferentes tipos de recursos por parte deste grupo de médicos.

O primeiro padrão é o de médicos-empresários. Trata-se de médicos que mesclam sua atividade profissional com a atividade empresarial na condição de proprietários de clínicas privadas, hospitais e centros médicos ou na condição de diretores de operadoras privadas de saúde. Por esta razão, acumulam recursos de gestão e administração capazes de ser convertidos e valorizados no "mercado de saúde". Uma das formas em que isso se manifesta é na aplicação de ensaios clínicos realizados por clínicas privadas e financiados pela indústria de medicamentos, a intrínseca relação desta indústria com a prescrição médica observada em consultórios privados, além da atividade de consultoria em saúde, prestada tanto para o mercado privado quanto para o mercado político. Eles se destacam pelo estabelecimento de relações com empresários locais, do ramo hoteleiro, da indústria farmacêutica e de seguradoras de saúde.

Esse é o caso do médico oncologista Cândido de Lima, aliado do presidente Bolsonaro, e proprietário da operadora de saúde Hapvida. Além dele, destacaram-se: 1) a atuação da Prevent Senior, operadora voltada para a terceira idade, que produziu um protocolo para uso da cloroquina coordenado pelo médico Pedro Batista Junior, diretor executivo da empresa; 2) O plano de saúde Unimed-Belém também atuou na distribuição de 55 mil tratamentos aos usuários; 3) O grupo de assistência médica e hospitalar Samel que numa parceria com a empresa de biotecnologia Applied Biology em Manaus apostou na testagem de novas drogas. O endocrinologista Flávio Cadegiani, diretor médico da Applied, juntamente com o médico Daniel Fonseca, diretor técnico da rede Hospitais do Grupo Samel e Ricardo Ariel Zimmerman, infectologista do Hospital da Brigada Militar de Porto Alegre, coordenaram a pesquisa clínica que tomou a proxalutamida como a nova droga para o tratamento; 4) o grupo José Alves, proprietário da Vitamedic, que dentre outros genéricos produz a ivermectina e que numa aliança com médicos investiram em

¹⁶ A medicação *off label* é aquela utilizada para outros fins que não aqueles que constam na bula. De acordo com o parecer do Conselho Federal de Medicina, de abril de 2020, o uso de medicamentos *off label* é de inteira responsabilidade do médico que prescreve e ao utilizar não comete infração ética em portadores do Covid-19.

lives e propagandas. Essas empresas investiram na divulgação, na aliança com médicos e prefeitos, assim como na realização de testes de remédios. Dentre os diversos movimentos médicos que emergiram na defesa do tratamento precoce, muitos contam com o apoio de empresários. Esse é o caso do grupo "Entre Médicos" que, segundo a médica fundadora Luciana Cruz, conta com o apoio de empresários dispostos a dar suporte ao site.

O segundo padrão é o que podemos chamar de médicos-ativistas. Trata-se, nesse conjunto, daqueles com engajamento político associativo e participação na gestão de entidades associativas e partidos políticos vinculados à direita conservadora e na condição de candidatos nos diferentes níveis (vereador, deputado estadual, federal, prefeituras). Aqui destaca-se um "capital político associativo" (Gaxie, 1985) que resulta da participação em instâncias de representação, como o sindicato médico, os conselhos regionais de medicina e o grupo Docentes pela Liberdade.

Nesse caso, essas atuações têm associação com partidos mais à direita. Como exemplo podemos citar o médico Eduardo Leite, um dos organizadores do Médicos pela Vida, autodeclarado "ativista contra as gestões de esquerda" e que participou de várias manifestações em defesa do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e em apoio ao presidente Jair Bolsonaro. Além disso, no último pleito eleitoral (2020) foi candidato a vereador com a bandeira do tratamento precoce. Outros exemplos são Luciano Azevedo e Paolo Zanoto, membros e fundadores do grupo Docentes pela Liberdade (DPL), movimento criado em 2019 através da iniciativa do Ministro da Educação, que reúne professores universitários de instituições públicas e privadas, auto declarados de direita, e que se dizem perseguidos pelas esquerdas no âmbito acadêmico (Alves, 2019). No dia 05 de maio de 2020, o DPL divulgou uma carta aberta ao presidente no site Brasil Sem Medo, jornal digital dirigido por Olavo de Carvalho, líder intelectual da extrema direita brasileira, clamando pelo uso precoce da hidroxicloroquina para o tratamento de pacientes com COVID19. Além de clamar pela atuação das forças armadas na produção da Hidroxicloroquina, a carta também usou referências bíblicas. Além destes, outro caso exemplar que merece ser citado é o da médica endocrinologista Annelise Menegueso. Uma das lideranças do Médicos pela Vida, ela também acumula o cargo de conselheira do CFM na comissão de ensino médico, é presidente municipal do PSL em Campina Grande, na Paraíba, e foi candidata a vice-prefeita no último pleito eleitoral.

Por fim, os médicos-evangélicos. Trata-se aqui de um padrão com forte atuação religiosa, sobretudo evangélica, associando a medicina ao exercício religioso e à atuação política. Esse é o caso emblemático da médica Raissa Soares que se destacou nas redes sociais por solicitar apoio ao presidente Jair Bolsonaro no envio de comprimidos de hidroxicloroquina. Junto com o marido, o pastor Geraldo Márcio, faz parte da Igreja Cristã

Reformada Avivalista de Porto Seguro. No evento realizado no Palácio do Planalto, ela lembrou:

Entrei em um propósito, como sou evangélica, de fazer oração para que Deus me mostrasse uma forma para que as pessoas parassem de adoecer. Acordava de madrugada, colocava o joelho no chão e conversava com Deus, pedindo alguma instrução.

Como se pode ver, trata-se de médicos que não dispõem de recursos de autoridade técnico-científica próprios ao enfrentamento da pandemia e que açãoam recursos diretamente associados à atuação política seja pelas experiências na gestão privada da saúde e na relação com a indústria farmacêutica, no ativismo associativo e na militância em instâncias conservadoras e, por fim, no engajamento político religioso.

Nessas condições de falta de inserção em instâncias de autoridade e de recursos técnico-científicos que fundamentam e orientam suas tomadas de posição para discussão e elaboração de medidas para o tratamento da COVID19, esses médicos lançam mão de uma profunda desconfiança em relação ao sistema perito, buscando uma verdade que está fora do *mainstream* científico e fundando suas posições em evidências parciais e estudos observacionais questionáveis. Dentre as principais ferramentas para difusão destas novas estratégias cognitivas de produção de verdades sobre a pandemia, estão as mídias digitais que se destacam pela capacidade de mobilização e formulação de uma pseudociência.

3. Profetas do Apocalipse: espaços de mobilização e tomadas de posição

Desprovidos de recursos que dêem acesso à autoridade institucional, ao espaço de divulgação científica e ao *mainstream* midiático, os principais meios de mobilização utilizados por essas lideranças¹⁷, em prol do denominado "tratamento precoce", são as mídias sociais digitais, com destaque para o Facebook, Instagram e Youtube. As *lives*, entrevistas e vídeos que circulam no espaço destas mídias evidenciam o impacto tanto das características próprias destes espaços e da força destas redes onde se pronunciam quanto das estratégias cognitivas colocadas em prática e da influência produzida dentro delas.

Tais aspectos, relacionados tanto às características dos atores quanto às dinâmicas da infraestrutura digital convergem, por um lado, para a formação de uma espécie de "bolha ideológica" em que a ampla circulação da comunicação é reforçada e ocorre sempre em grupos restritos voltados à direita e à extrema direita no espectro político-eleitoral. E, por outro lado, para que as tomadas de posição desses atores sejam direcionadas à recusa do modelo tecnocrata, o qual é fundado na formação de

¹⁷ Analisamos um total de 15 médicos, muitos dos quais estiveram presentes no evento no Palácio do Planalto, que se destacaram pelo ativismo digital. Para isso, realizamos uma análise dos discursos das lideranças, como também um exame de suas redes a partir da análise de redes para mídias sociais.

um corpo de experts com reconhecimento técnico-científico, e à defesa de uma pseudociência que faz da "experiência" do médico o recurso principal de autoridade.

São mais de 20 os diferentes veículos para os quais tais lideranças médicas se dirigem na campanha em favor do tratamento precoce nas redes sociais. Com base na posição destes diferentes veículos, no seu grau de influência na rede e de acordo com a descrição dos perfis divulgados no conjunto das redes, é possível distinguir oito clusters principais: direita conservadora¹⁸; comunicadores de mídia¹⁹, influenciadores²⁰, médicos, liberais (operadoras de saúde, de investimento eiais), religiosos (grupos religiosos). Os jornalistas Leda Nagle e Alexandre Garcia acumulam um capital jornalístico destacado, decorrente de uma longa carreira no mainstream da mídia e que é mobilizado atualmente nos seus respectivos canais no Youtube. Por isso, eles podem ser considerados separadamente para melhor identificar suas respectivas influências. A distribuição de força dentro da rede evidencia sua estrutura de comunidade, uma vez que é possível identificar grupos de vértices densamente conectados entre si e conectados a outros grupos de vértices, mesmo que se observe um agrupamento ou cluster principal que concentra todas as conexões.

Os clusters têm alto grau de relação e conexão entre si, formando uma rede densa e ao mesmo tempo fechada, posto que é forte a interconexão entre os clusters. Trata-se, portanto, de uma rede de baixa modularidade²¹, tendo em vista que as 3 grandes forças estão interconectadas sem a criação de módulos (representadas pelas cores Cinza, Rosa e Azul). Assim, todos os clusters apresentam graus de interação e transmissão relevantes. Nessa direção, o cluster dos Conservadores forma uma rede com mais conexões de entrada do que de saída, o que significa que os demais agrupamentos se referem, ou se conectam a ele em algum momento. Ainda que nessa rede não ocorra uma centralização, observa-se uma distribuição em que os diferentes clusters estabelecem conexões com prevalência de saída, tornando-se fortes na distribuição da informação.

Quando se consideram as forças dentro da rede podemos melhor identificar certa centralidade, ou no caso a força de três redes²². A maior é a do grupo dos conservadores; a força intermediária representada pelo cluster dos religiosos, Leda Nagle, Alexandre Garcia e a imprensa; e o grupo com uma força menor, mas ainda importante, os Liberais, os Médicos e os Influencers. Além disso, podemos identificar o papel dos atores intermediários, cuja capacidade reside na mediação da informação dentro da rede, conectando os clusters e contribuindo para disseminar

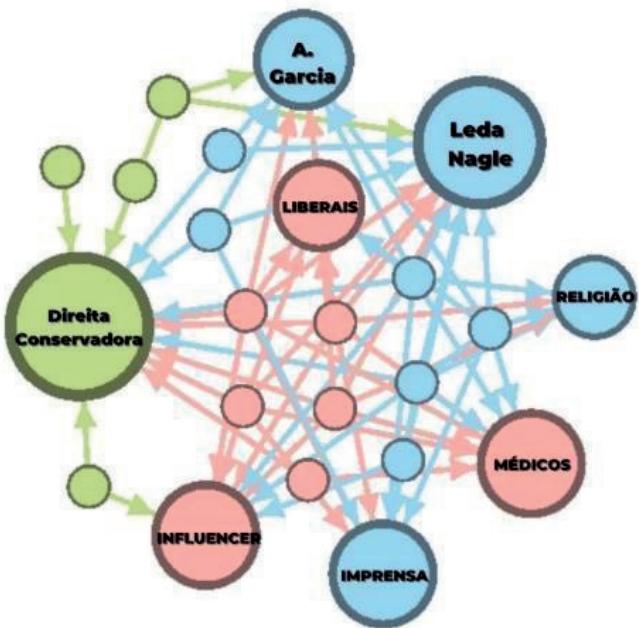


Figura 3: Influenciadores Digitais
Fonte: Elaborado pelos autores

e trocar informação, criando pontes com atores centrais. Dentre os principais perfis influenciadores destes médicos estão, portanto, os de Alexandre Garcia e Leda Nagle, que se destacaram por atuar como porta-vozes do tratamento precoce, desempenhando um papel central nesta rede ao comunicar-se com vários outros grupos e atores e exercendo um certo controle.

A apresentadora Leda Nagle conta hoje com um canal no Youtube com 995 mil inscritos e o jornalista Alexandre Garcia com mais de 1.75 milhão de seguidores. De acordo com o GPS Ideológico²³ que foi produzido pelo jornal Folha de São Paulo, perfis como os de Alexandre Garcia e Leda Nagle estão no mesmo espectro ideológico de Eduardo Bolsonaro, movimentando-se à direita. Já perfis como os de Gustavo Gayer movimentam-se mais para a extrema direita. É pela mobilização de espaços e atores situados no âmbito político-ideológico da direita e extrema direita, portanto, fora das entidades de representação médica ou de espaços acadêmicos, que tais médicos conseguem promover seus pontos de vista, vinculando-se a influenciadores conservadores e evangélicos, ambos aliados do bolsonarismo.

¹⁸ Canais de comunicação, políticos e youtubers declarados como conservadores, de direita e membros da direita conservadora. Dentre os destaques estão Gustavo Gayer, Bahia Direita, Cesar Leite.

¹⁹ Pequenos veículos de comunicação, muitos deles locais, veículos de comunicação tradicionais nacionais de ampla divulgação (R7, Band News, CNN, TV Brasil, Jovem Pan) e comunicadores que possuem canal próprio no Youtube.

²⁰ Influenciadores digitais dispersos, como escritórios de advocacia, clube de judô, segurança pessoal,

²¹ A análise estatística da rede nos mostrou uma modularidade de 0.168. A variação é de 0 a 1.

²² Tal identificação foi feita com base no Force Atlas 2.

²³ GPS analisa as "bolhas" de acordo com o perfil dos usuários.

Já no que diz respeito à influência dos médicos dentro da rede, dois perfis se destacam: as médicas Nise Yamaguchi e Raíssa Soares, representadas na rede abaixo como NY e RS, respectivamente. Apesar de ambas estarem atreladas ao bolsonarismo, Raíssa Soares se destaca por agregar o fundamento religioso evangélico, associando o movimento em defesa do tratamento precoce a um movimento messiânico, de salvação.

Na ausência do reconhecimento e das competências, próprias do sistema de peritos, eles lançam mão de estratégias cognitivas próprias do populismo digital (Mudde (2019; Cesario, 2021). A legitimidade da "experiência pessoal" de médicos comuns que falam diretamente para o povo, através de lives, vídeos, grupos de WhatsApp, etc., constitui o principal recurso por eles utilizado. É tal estratégia que fundamenta a defesa da cloroquina entre tais médicos com base na chamada "medicina pela experiência", em contraponto à "medicina pela evidência", numa clara oposição ao modelo sustentado na ciência e na pesquisa científica. Enquanto a primeira se baseia na expe-

riência clínica e na observação individual do médico, a segunda está centrada na adoção de dados científicos e pesquisas como orientação às condutas médicas. Vale lembrar que a adoção da evidência científica na orientação da conduta médica resultou de um longo trabalho na definição de um novo paradigma da medicina e foi introduzida no Brasil apenas no final de década de 1990²⁴. Como a experiência clínica não é submetida aos critérios de objetivação que envolvem a pesquisa científica, ela corre o risco de vários vieses, uma vez que está sustentada na observação subjetiva do médico envolvendo um grupo seletivo de pacientes. Além disso, ela compõe o conjunto de estratégias de gestão de crise sanitária que visa se opor ao modelo da expertise, sustentado no conhecimento especializado, e que parte de uma performance política que coloca o paciente contra a ciência, o povo contra o establishment científico. Esse é um exemplo de populismo médico de dimensão vertical que conta com a participação de frações da classe médica.

Paralelo a isso, é constante nestas mídias digitais o "recurso a elos causais ocultos" que consiste na proliferação de narrativas conspiratórias sobre o nascimento e difusão da pandemia. Este tipo de estratégia utilizada pelo movimento de defesa do tratamento precoce, pode ser encontrada nas informações divulgadas na página do facebook do grupo Médicos pela Vida. Quanto a isso, observa-se que dentre as palavras mais mobilizadas nas postagens de maior acesso (visualização, compartilhamento e curtidas) está o uso de informações falsas como "fraudemia" da pandemia do coronavírus; os perigos da "vacina chinesa" ou "vachina" num claro movimento de oposição às instituições transnacionais, como a Organização Mundial da Saúde e contra a classe política, especialmente governadores como João Dória.

Dentre os posicionamentos mais emblemáticos sobre isso, encontra-se a guerra contra o que denominam de narrativa oficial da OMS, forte crítica ao uso de máscaras, à baixa credibilidade dos testes e aos prejuízos do isolamento social. Somam-se a estas postagens, o compartilhamento de conteúdo de páginas da extrema direita, como o Jornal da Cidade OnLine, a página da Deputada Bia Kicis e a do médico Alessandro Loiola. Este último implicado na CPI das fake News por disseminar notícias falsas e, mais recentemente, foi exonerado do cargo de assessor do ex-secretário da cultura²⁵.

Por fim, e não menos importante, está o recurso ao "antagonismo amigo-inimigo" que fundamenta a afirmação de uma identidade baseada na intensificação da polarização ideológica. Evidencia isso a intensa participação dessas lideranças médicas na campanha eleitoral municipal de 2020, sejam como candidatos, sejam como apoiadores de candidatos de partidos de direita, apoiados pelo Presidente Jair Bolsonaro. Este é o caso de Clarice Sabará, candidata a vereadora em Salvador, pela coligação de

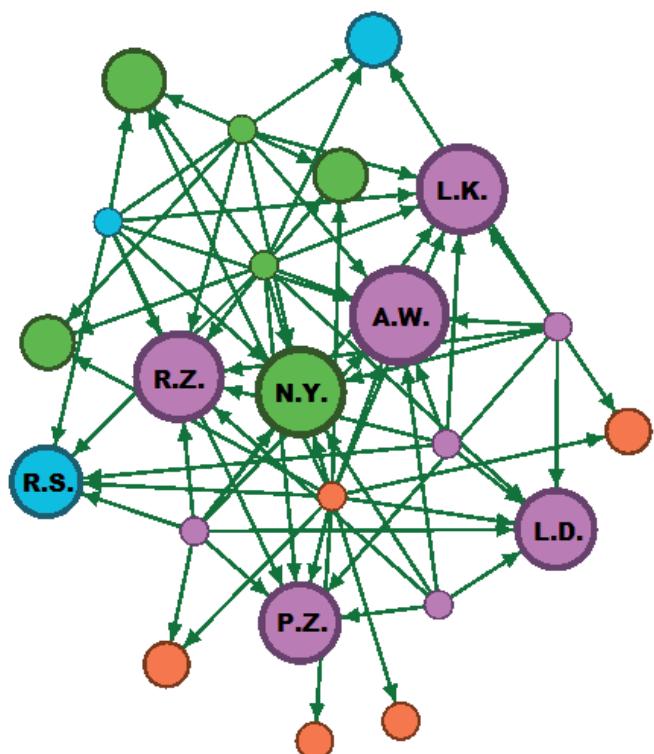


Figura 4: Médicos

Fonte: Elaborado pelos autores

²⁴ Um dos responsáveis pela sua introdução no Brasil foi o Prof. Dr. Álvaro Nagib Atallah, Professor Titular e Chefe da Disciplina de Medicina de Urgência e Medicina Baseada em Evidências da Universidade Federal de São Paulo, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Medicina Interna e Terapêutica da UNIFESP e Diretor do Centro Cochrane do Brasil.

²⁵ Roberto Alvim, ex-secretário da cultura, foi demitido por produzir conteúdo e propaganda similar ao nazismo. Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/governo-demite-nomes-de-confianca-de-roberto-alvim-1-24213124>.



Figura 5: Nuvem de Palavras

Fonte: Página do Facebook Médicos pela Vida Covid

César Leite (PRTB) e Eduardo Leite, candidato a vereador em Feira de Santana, Bahia pelo Patriotas. Destacam-se ainda Anelise Menegueso candidata a vice-prefeita pela cidade de Campina Grande, Paraíba pelo PSL. Dentre as principais lideranças médicas a apoiar candidaturas, destaca-se a médica Raíssa Soares que usou as redes sociais, sobretudo o Instagram, para chamar a população a votar em candidatos de direita que defendam o tratamento precoce:

...vamos dar um boom na campanha dos nossos prefeitos [...]. Porto Seguro tem que ser Jânia Natal. É o único que está defendendo [...] Candidatos do Rio de Janeiro que sejam de direita, procurem o Dr. Guili Pech para montar estratégia (...), mas tem que ser de direita, não adianta ser de esquerda não²⁶.

Conclusões

Esta pesquisa demonstrou que o populismo médico adotado pelo presidente da República na gestão da pandemia contou com o suporte de uma rede de profissionais conectados à extrema direita. A emergência desta rede dependeu, de um lado, das condições de possibilidade, associadas a um conjunto de transformações nas relações entre medicina e política, às quais permitiram a este ofício ampliar seu engajamento político e seu ativismo à direita. A articulação das reivindicações da categoria com o "antipetismo", tornou-se uma via de aproximação com grupos e lideranças da extrema direita.

De outro lado, a genealogia do próprio grupo evidenciou o quanto a composição profissional deste grupo, seu processo de recrutamento e absorção pelo bolsonarismo os aproximaram

de projetos e grupos político-partidários mais radicais. Nessa direção, a análise das modalidades de recrutamento e das formas de mobilização permitiu demonstrar que essa rede possui três características centrais: alternativa à ciência, antissistema e messiânica. No que diz respeito à primeira, não se trata de um negacionismo, no sentido clássico, mas de um movimento que mobiliza dados e estudos não conclusivos com intuito de atingir ganhos instrumentais e pragmáticos imediatos na defesa do tratamento. Esse é o caso da mobilização de vários estudos em caráter preliminar, de forma seletiva, muitos deles em fase *preprint* nunca publicados.

Sobre a segunda, esta rede de médicos se apresenta como uma alternativa ao establishment numa batalha contra o sistema médico-científico estabelecido, definido com frequência por eles próprios como "torre de marfim da ciência". Sem dispor de recursos de autoridade científica (pesquisa, reconhecimento entre pares) estes médicos mobilizam recursos do populismo digital fundados ora no ativismo médico, ora na experiência clínica e nos chamados estudos observacionais, usando a popularidade obtida nas redes sociais para criticar e se opor aos cientistas, especialistas e tecnocratas, num confronto contra o sistema. E ao mesmo tempo se aproxima de agrupamentos políticos.

Já o messianismo pode ser observado pelo uso constante de citações bíblicas em documentos oficiais do movimento e a referência a figura própria do "dom quixote" remete a aprovação de uma imagem político-messiânica do cavaleiro capaz de salvar a humanidade da pandemia. Se essa figura lhes serve como uma paródia para engrandecer sua luta, ela não parece em nenhum momento próxima a do cavaleiro de Cervantes quando confunde "fantasia e realidade". Pelo contrário, a leitura messiânica da obra permite associar o médico a imagem de um mito, de um salvador. Outro exemplo que pode ser citado aqui é o chamado "Milagre de Belém", forma como se referem os médicos da Unimed-Belém sobre a distribuição de hidroxicloroquina pela operadora de saúde²⁷.

Além disso, a estrutura das redes digitais permitiu que esses médicos apresentassem seus argumentos, criando as condições de possibilidade para divulgação das suas opiniões, desempenhando papel crucial. Uma das consequências desta digitalização é a crise de confiança no sistema de peritos, uma vez que ela contribui para promover a dissolução das fronteiras, como por exemplo, entre o cientista e o não cientista.

Nessa direção, o movimento médico pelo tratamento precoce revelou o jogo duplo da medicina: tanto arriscado, uma vez que submete à medicina às disputas políticas corroendo a autonomia profissional, quanto proveitoso, na medida em que amplia o lobby corporativo e intensifica os usos políticos da medicina. Além disso, revelou a aproximação com o populismo da ultradireita, combinando uma crítica às elites políticas, mani-

²⁶ Live conjunta com o médico Guili Pech divulgada no Instagram deste último (@guilipech), no dia 05 de novembro de 2020.

²⁷ Fonte: 1) <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/11/plano-de-saude-em-belem-cria-drive-thru-para-distribuicao-de-cloroquina-remedio-nao-fem-comprovação-no-tratamento-da-covid-19.shtml>; 2) <https://www.youtube.com/watch?v=xDRsMHgm8S8>.

festada na luta contra governadores e prefeitos, e as elites de técnicos e cientistas. Assumindo um forte caráter arbitrário, o movimento serviu de pretexto para a defesa de políticos e causas conservadoras e de direita, tornando o populismo digital uma das armas da emergência de novas formas de autoritarismo.

Referências

- ACIOLE, G. G. (2006). A Lei do Ato Médico: notas sobre suas influências para a educação médica. *Rev. bras. educ. Med.* Vol.30 nº1, Rio de Janeiro, Jan./Apr, p. 47-54.
- ALVES, G. (2019). Professores de direita do país querem se unir em associação, 03/07/2019. Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/07/professores-de-direita-do-pais-que-rem-se-unir-em-associacao.shtml>>. Acesso em: 30/10/2020.
- ANDRADE, L. (2013). CRM de MG não pode negar registro a médicos estrangeiros, decide juiz. G1 Minas Gerais. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/08/crm-de-mg-nao-pode-negar-registro-de-medicos-estrangeiros-decide-juiz.html>>. Acesso em: 30/10/2020.
- AQUINO, Y. (2013). Profissionais da saúde fazem protestos contra o Programa Mais Médicos. Agência Brasil - Empresa Brasil de Comunicação. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-07-30/profissionais-da-saude-fazem-protestos-contra-programa-mais-medicos>>. Acesso em: 29 dez. 2020.
- ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA (2018). Carta aberta ao Presidente Jair Bolsonaro AMB - Associação Médica Brasileira. Disponível em: <<https://amb.org.br/noticias/carta-aberta-ao-presidente-eleito-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. (2016). Moção de Apoio ao Juiz Sérgio Moro e demais integrantes da Operação Lava Jato. AMB - Associação Médica Brasileira. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AMBoficial/photos/mo%C3%A7%C3%A3o-de-apoio-ao-juiz-s%C3%A9rgio-moro-e-demais-integrantes-da-oper%C3%A7%C3%A3o-lava-jato-a/695116663961529/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- BRANDÃO, M; GOUVEIA, V. (2004). *O Médico e o Seu Trabalho: aspectos metodológicos*. Brasília, Conselho Federal de Medicina, 234p.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. (2013). Entidades fazem ato público hoje no Congresso contra o programa Mais Médicos – Notícias. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/410885-entidades-fazem-ato-publico-hoje-no-congresso-contra-o-programa-mais-medicos/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- CAMPOS, G. W. (1988). *Os médicos e a política de saúde*. São Paulo, Hucitec, 210p.
- CANZIAN, F. (2020). Médicos "cloroquiners" se compararam a Dom Quixote contra "Dragão Covidiano". Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/medicos-cloroquiners-se-comparam-a-dom-quixote-contra-dragao-covidiano.shtml>>. Acesso em: 30/10/2020.
- CARNEIRO, M. (2020). Irmã de Nise Yamaguchi fez parte de grupo de transição de Bolsonaro e foi candidata pelo PSL em 2018. Folha de São Paulo, Painel . Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/columnas/painel/2020/04/irma-de-nise-yamaguchi-fez-partde-de-grupo-de-transicao-de-bolsonaro-e-foi-candidata-pelo-psl-em-2018.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 30/10/2020.
- CASARÔES, G.; MAGALHÃES, D. (2021). A aliança da hidroxicloroquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se reuniram para promover uma droga milagrosa. *Revista De Administração Pública*, 55(1), p. 197-214.
- DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200556>
- CESARINO, L. (2021). Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernetica. Florianópolis, Ilha, v. 23, n. 1, p. 73-96.
- COMBATE RACISMO AMBIENTAL. (2018). Médica que vaiou cubanos na chegada a Fortaleza chefiará Mais Médicos em 2019. Combate Racismo Ambiental. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2018/12/05/medica-que-vaiou-cubanos-na-chegada-a-fortaleza-chefiara-mais-medicos-em-2019/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- CORADINI, O. L. (1996). Grandes famílias e 'elite profissional' na medicina no Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, III (3), p. 425-466.
- CORADINI, O. L. (2010). Frentes Parlamentares, Representação de Interesses e Alinhamentos Políticos. Curitiba, *Revista de Sociologia e Política*, Vol. 18, nº 36: p. 241-256.
- CORREIO BRAZILIENSE. (2013). Em reação ao Mais Médicos, entidades médicas abandonam comissões do governo. Correio Braziliense, Acervo. Disponível em: <https://www.correobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2013/07/19/ensino_ensinosuperior_interna_378035/em-reacao-ao-mais-medicos-entidades-medicas-abandonam-comissoes-do-governo.shtml> Acesso em: 29 dez. 2020.
- EL PAÍS. (2019). O lobby da classe médica que influenciou a decisão de encerrar o programa. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/06/politica/1549488445_129358.html>. Acesso em: 30/10/2020.
- ELIAS, Vivian Carrer. (2013). Quase metade dos médicos do país não tem especialização. VEJA. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/quase-metade-dos-medicos-do-pais-nao-tem-especializacao/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- EPSTEIN, S. 1996. *Impure Science*. Berkeley: University of California, 480p.
- FERNANDES, L. (2013). Médicos são orientados a pedir votos de pacientes contra Dilma. O Globo, 14/10/2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/medicos-sao-orientados-pedir-votos-de-pacientes-contra-dilma-10365142>>. Acesso em: 30/10/2020.
- FIRMINO, T.; MAIA, A. (2020). Sete médicos têm processos disciplinares por veicularem desinformação sobre covid-19. Público, 21/10/2020. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/10/21/ciencia/noticia/abertos-processos-disciplinares-sete-medicos-veiculam-desinformacao-covid19-1935998>>. Acesso em: 30/10/2020.
- FOLHAPRESS. Associação de médicos divulga carta de apoio a Aécio Neves. Bem Paraná, 15/10/2014. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/associacao-de-medicos-divulga-carta-de-apoio-a-aecio-neves>>. Acesso em: 30/10/2020
- GARCIA, S. (2005). Expertise Scientifique et Capital Militant. Le rôle des médecins dans la lutte pour la légalisation de l'avortement. Paris, Actes de la recherche en sciences sociales 2005/3, nº 158, p. 96-115.
- GAXIE, D; OFFERLÉ, M. (1985). Les Militants Syndicaux et Associatifs au Pouvoir? Capital Social Collective et Associative et Carrière Politique. In: BIRBAUM, P. *Les Elites Socialistes au Pouvoir*. Paris, PUF, p. 105-138.
- GOMES, L. B.; MERHY, E. E. (2017). Uma análise da luta das entidades médicas brasileiras diante do Programa Mais Médicos. Botucatu, *Interface*, 21 (Supl.1), p. 1103-1114.
- LASCO, G.; CURATO, N. (2019). Medical populism. *Social Science & Medicine*, vol. 221, issue C, p. 1-8. DOI: [10.1016/j.socscimed.2018.12.006](https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.12.006).
- LASCO, G; LARSON, H. J. (2020). Medical populism and immunisation programmes: Illustrative examples and consequences for public health. *Global Public Health*, 15 (3), p. 334-344. <https://doi.org/10.1080/17441692.2019.1680724>
- LASCO, G. (2020). Medical populism and the COVID-19 pandemic, *Global Public Health*. Volume 15, 2020 - Issue 10, p. 1417-1419.
- LUZ, M. (2013). *As Instituições Médicas no Brasil*. Coleção Clássicos da Saúde Coletiva. Porto Alegre, Rede Unida, 262p.
- MACHADO, M. H. (1997), *Os Médicos no Brasil: um retrato da realidade*.

- RJ, Fiocruz, 244p.
- MAISBN. (2020). Jânio Natal convida Drª Raissa para comandar a saúde de Porto Seguro, 15/10/2020. MaisBN - O portal informativo da região. Disponível em: <<https://www.maisbn.com/portal/2020/10/janio-natal-convida-dra-raissa-para-comandar-a-saude-de-porto-seguro/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- MANDETTA, L. H. (2020). *Um paciente Chamado Brasil. Os Bastidores da Luta contra o Coronavírus*. Objetiva, 228p.
- MATHIAS, M. (2016). Os médicos e o impeachment. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/os-medicos-e-o-impeachment>>. Acesso em: 30/10/2020.
- MÉDICOS CONTRA O PT. (2020). Médicos contra o PT | Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MedicosContraoPT/>>. Acesso em: 30/12/2020.
- MITRE, M. (2016). As relações entre ciência e política, especialização e democracia: a trajetória de um debate em aberto. *Estud. av.* vol.30 no.87 São Paulo May./Aug, p. 279-298.
- MUDDE, C. (2019). *The Far Right Today*. Cambridge, Universty Press, UK, 160p.
- NASANOVSKY, N.; PRIETO, A. (2020). Médicos pela Verdade: teorias da conspiração em um jaleco branco. *Médicos pela Verdade*, 24/10/2020. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/m%C3%A9dicos-pela-verdade-teorias-da-154406029.html>>. Acesso em: 30 dez. 2020.
- NETO, André de Faria Pereira. (2001). *Ser Médico no Brasil. O Presente no Passado*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 232p.
- NORRIS, P; INGLEHART, R. (2019). *Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian-Populism*. Cambridge, University Press, 564p.
- OLIVEIRA, W. J. F. de. (2020). Anti-corruption protests, alliance system and political polarization. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 20, n. 3, p. 439-453.
- OLIVEIRA, W. J. F. de. (2021) Mídias sociais digitais, participação política e protestos anticorrupção. *Estudos de Sociologia*, v. 25, n. 50, 21 maio 2021.
- PARISER, E. (2012). *O Filtro Invisível*. Rio de Janeiro, Zahar, 252p.
- PETRARCA, F. R. (2020). Composição Social, Critérios de Seleção e Lógicas de Recrutamento da Elite Médica em Sergipe. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 35, p. 1-21. DOI: <https://doi.org/10.1590/3510403/2020>
- PETRARCA, F. R. (2015). A luta contra a Aids: uma causa, múltiplos saberes. *Revista Pós-Ciências Sociais*, v. 12, p. 91. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2236-9473.v12n23p91-114>
- PETRARCA, F. R. (2017). De Coronéis a Bacharéis: reestruturação das elites e medicina em Sergipe (1840-1900). *Revista Brasileira de História (ONLINE)*, p. 89-112. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n74-04>
- PETRARCA, F. R. (2019). Entre jalecos, bisturis e a arte de fazer política. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 26, p. 573-591. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000200012>
- PINELL, P. (1987). Fléau moderne et médecine d'avenir In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 68, p. 45-76.
- PSDB.(2013). Aécio Neves critica veto da presidente ao Mais Médicos, 23/10/2013. *PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira*. 2013. Disponível em: <<https://www.psdb.org.br/acompanhe/aecio-neves-critica-veto-presidente-medicos>>. Acesso em: 30/10/2020.
- ROVERAN, R. (2020). Carta Aberta ao Presidente da República - Docentes Pela Liberdade, 07/05/2020. Terça Livre TV. Disponível em: <<https://tercalivre.com.br/carta-aberta-ao-presidente-da-republica-docentes-pela-liberdade/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- SAYARE, S. (2020). O arauto da cloroquina. *Revista Piauí*. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-arauto-da-cloroquina/>>. Acesso em: 30/10/2020.
- SOARES, R. (2020). Dra Raissa Soares no Instagram: "Presidente manda Cloroquina! #vamossalvarvidas #todosjuntos #covid19 #covid0 #mai-sum #portoseguroba #brasil. INSTAGRAM, 30/06/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCD2OnnJgoj/?utm_source=ig_embed>. Acesso em: 30/10/2020.

Submetido: 14/05/2021

Aceite: 24/01/2022